



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro Biomédico
Instituto de Medicina Social

Maria de Fátima Lima Santos

A construção do dispositivo da transexualidade: saberes, tessituras e singularidades nas experiências *trans*

Rio de Janeiro

2010

Maria de Fátima Lima Santos

A construção do dispositivo da transexualidade: saberes, tessituras e singularidades nas experiências *trans*

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Orientadora: Prof. Dr^a. Márcia Arán

Rio de Janeiro

2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CBC

S237 Santos, Maria de Fátima Lima.

A construção do dispositivo da transexualidade: saberes, tessituras e singularidades nas experiências trans / Maria de Fátima Lima Santos. - 2010.
182f.

Orientadora: Márcia Arán.

Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social.

1. Transexualismo - Teses. 2. Identidade sexual - Teses. 3. Distúrbios da identidade sexual - Teses. 4. Transexuais - Teses. I. Arán, Márcia. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social. III. Título.

CDU 613.885

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Maria de Fátima Lima Santos

A construção do dispositivo da transexualidade: saberes, tessituras e singularidades nas experiências *trans*

Tese apresentada, como requisito para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Aprovado em 05 de maio de 2010.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Márcia Arán (Orientadora)
Instituto de Medicina Social – UERJ

Prof. Dr. André Rangel Rios
Instituto de Medicina Social – UERJ

Prof. Dr. Carlos Augusto Peixoto Júnior
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro- PUC

Prof.^a Dr.^a Tatiana Lionço
Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero – ANIS.

Prof.^a Dr.^a Claudia Bonan Jannotti
Fundação Oswald Cruz – FIOCRUZ

DEDICATÓRIA

À minha avó Lourdes Cruz (*in memoriam*) que sempre, ao seu modo, acreditou nas minhas potencialidades.

AGRADECIMENTOS

Dizem que escrever é um ato solitário. Escrever um texto acadêmico talvez seja bem mais. Escrever uma tese de doutorado estando em Aracaju - Sergipe aumentou consideravelmente o sentir-se só. No entanto, nesse trajeto, inúmeras pessoas estiveram “presentes” de maneira direta ou não, contribuindo de diferentes formas na consolidação deste trabalho.

À minha mãe Maria das Graças Lima que torce e vibra com cada conquista acadêmica minha. Mesmo sem entender muito o que estudo, sabe da importância e seriedade através da qual construo minha formação acadêmica

Kathleen Tereza da Cruz, minha companheira – pela paciência, pelo estímulo, pelas cumplicidades intelectuais e, principalmente pelo amor incondicional através do qual caminhamos lado a lado.

À Profª Drª Márcia Arán, orientadora deste trabalho – pela condução ética e humana na orientação da tese. Com Márcia, aprendi que o conhecimento é antes de tudo uma “implicação” com a “vida” e sua “dignidade”.

Ao Instituto de Medicina Social (IMS) que me possibilitou adentrar o campo da Saúde Coletiva, ampliando as possibilidades intelectuais e metodológicas, em especial, aos professores Maria Andrea Loyola, Marilena Corrêa e André Rios os quais possibilitaram acesso a discussões teóricas que ampliaram minha formação conceitual e metodológica.

À Letícia Freire, pesquisadora da temática transexual que possibilitou minha entrada no seu campo de coleta de dados: o Serviço de Atendimento a Transexuais do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPe. Esse momento metodológico foi muito importante nas análises aqui presentes.

À Faculdade de Sergipe (FASE), em especial a Gilberto Martins, então diretor geral na época e José Anselmo Oliveira (então, coordenador do curso de Direito) por possibilitarem meu afastamento para cursar os créditos do doutorado no Rio de Janeiro durante o ano de 2006.

À Daniela Costa, amiga e companheira de trabalho, que soube entender as minhas necessidades enquanto estive à frente da coordenação do curso de Direito da Faculdade de Sergipe. Além disso, os debates que promovemos com os estudantes contribuíram para alargar o campo de minhas preocupações acadêmicas.

À Ana Débora Santana pela sua solidariedade e compreensão das minhas ausências na Secretaria Estadual de Saúde na reta final da consolidação desse trabalho. Ana, sem essa condição não teria conseguido finalizar o trabalho em tempo hábil.

Aos amigos Augusto Cesar, Marcos Barbosa, Danilo Machado, Mirian, Deise que em pequenas atitudes sempre torceram pela finalização deste trabalho.

Ao amigo e professor de Língua Portuguesa Márcio Cardoso Lima pelas prestimosas correções ortográficas que tornaram o texto aqui presente claro e objetivo.

Aos amigos Dudu, Maria e Antônio que me acolheram por diversas vezes no Rio de Janeiro possibilitando uma tranquilidade para enfrentar os desafios no transcorrer da elaboração deste trabalho.

À Bertha por ter me iniciado nas leituras em francês e pelas traduções que aparecem ao longo do trabalho.

Ao amigo Ulisses Neves Rafael, persona importante na minha trajetória acadêmica. Apesar das nossas ausências, o que ficou na minha formação está inscrito na forma como vejo e interpreto as alteridades.

Ao amigo João de Deus interlocutor constante nas questões trans.

À Tathiane Araújo, presidente da Associação Sergipana de Travestis – ASTRA, pela amizade e por sempre levar as minhas discussões até os movimentos sociais e os movimentos sociais até mim.

À Tatiana Lionço, por me conduzir nos meandros do Ministério da Saúde bem como na colaboração nas discussões que tange a transexualidade.

A todas e todos os transexuais que colaboraram com a pesquisa através das entrevistas. Sem essas “Alteridades” nada do que está presente aqui seria possível. Vocês são as (os) interlocutoras (es) constantes neste trabalho.



Pastel Corpos
Fonte: Kathleen Cruz.

Pelas plantas dos pés subia um estremeamento de medo, o sussurro de que a terra poderá aprofundar-se. E de dentro erguiam-se certas borboletas batendo asas por todo o corpo.

Clarice Lispector

RESUMO

SANTOS, Maria de Fátima Lima dos. **A construção do dispositivo da transexualidade: tessituras, saberes e singularidades nas experiências trans.** 2010. 182f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Este estudo tem como objetivo analisar a construção do dispositivo da transexualidade nas práticas de saúde. Tomando como referência a definição e discussão de “dispositivo” no pensamento de Michel Foucault, a preocupação central reside em compreender como a transexualidade, ao longo do século XX, transformou-se em uma patologia a partir de um conjunto de saberes e práticas de poder que constituíram a elaboração do diagnóstico de “transtorno de identidade de gênero”, assim como a concepção normativa da “noção de transexual verdadeiro”. Ao mesmo tempo destaca-se que no âmbito do próprio dispositivo, negociações e, principalmente, subversões da norma apresentam-se como possibilidades de resistências. A partir de uma pesquisa empírica que consistiu na realização de entrevistas semi-estruturadas tanto com transexuais quanto com os profissionais de saúde foi possível observar que o conceito de transexualidade está permanentemente em negociação e abarca uma diversidade de experiências de relação com o diagnóstico e de construções de si. Neste sentido, num primeiro momento discute-se a produção do dispositivo da sexualidade entre os séculos XVIII e XIX, em seguida abre-se uma discussão sobre a invenção da transexualidade enquanto patologia a partir do século XX, principalmente após os anos de 1950. Posteriormente, discute-se a questão dos saberes localizados, recuperando a importância dos saberes trans no âmbito do próprio dispositivo e finalmente, tendo como referência os conceitos de gênero e de identidade propostos por Judith Butler, analisa-se os jogos identitários presentes na transexualidade.

Palavras-chave: Dispositivo. Transexualidade. Gênero.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the precept of transsexuality in the health practice. Taking the “precept” definition and discussion as reference, according to Michel Foucault, the main concern lies in comprehending how transsexuality was transformed into pathology along the XX century, that is, an ensemble of knowledge and power that constituted the elaboration of the “gender identity disorder” diagnosis, as well as the normative conception of the “actual transsexual notion”. At the same time, it is intended to emphasize that, in the extent of the precept, negotiations, and mainly subversions of the norm, are presented as possibilities of resistance. From an empiric research, consisting of the execution of semi-structured interviews with transsexuals as well as health professionals, it was possible to perceive and interpret the meanders and vicissitudes that underlie the transsexuality matter. In this sense, the production of the sexuality precept in the XVIII and XIX centuries is discussed at first, moving on to a discussion concerning the invention of transsexuality as pathology following the XX century, mainly after the 1950s. A discussion concerning the located knowledge is subsequently presented, retrieving the importance of the trans knowledge in the extent of the precept and, finally, the identity games present in transsexuality are discussed.

Keywords: Dispositive. Transsexuality. Gender.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	10
1	1 O BIOPODER, A BIOPOLÍTICA E O DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE.....	31
1.1	Saberes, poder e transexualidades.....	35
1.2	Do biopoder à biopolítica contemporânea.....	45
1.3	O dispositivo da sexualidade.....	51
2	A CONSTRUÇÃO DO DISPOSITIVO DA TRANSEXUALIDADE.....	58
2.1	A produção da norma transexual.....	60
2.2	Corpos, hormônios, transformações.....	74
2.3	O transexual verdadeiro.....	82
2.4	Sexo, gênero, identidade: a clínica diferenciada da transexualidade.....	87
2.5	Novos corpos? Outros significados?.....	94
2.6	Interações e reiteraões normativas.....	105
3	SABERES LOCALIZADOS E EXPERIÊNCIAS TRANS.....	122
3.1	O contexto teórico: os “estudos subalternos” e a “teoria queer”.....	122
3.2	Reviravolta de saberes: diálogos com Michel Foucault.....	129
3.3	Saberes localizados: diálogos entre Donna Haraway e Beatriz Preciado.....	136
3.4	Tessituras, singularidades e experiências.....	143
4	TESSITURAS IDENTITÁRIAS.....	153
4.1	Identidades transexuais.....	155
4.2	Transexuais, travestis, transgêneros: jogos identitários.....	164
5	CONCLUSÃO.....	170
	REFERÊNCIAS.....	173

INTRODUÇÃO

Pensar e definir a transexualidade não constitui uma tarefa fácil. Classificações estão presentes, tanto no *ethos* da saúde, expressas através de discursos e práticas, envolvendo uma rede multiprofissional e diferentes especialidades; quanto no imaginário social, retroalimentado por diferentes ideias do que vem a ser o fenômeno da transexualidade. A temática levanta polêmicas que abrangem discussões acerca do corpo, da sexualidade e da identidade, provocando inquietações em torno de pares dicotômicos clássicos como sexo/gênero, natureza/cultura, normal/patológico e saúde/doença. Nesse contexto, as estruturas binárias que parecem organizar o campo social e cultural, principalmente no que se refere aos comportamentos sexuais, têm sido colocadas cada vez mais em debate, ameaçando os alicerces sólidos nos quais se constituíram.

A tese, aqui apresentada, tem como objeto a construção do dispositivo da transexualidade. Tomando como referência a definição e discussão de “dispositivo” no pensamento de Michel Foucault. A preocupação central reside em compreender como a transexualidade, ao longo do século XX, transformou-se em uma patologia. A ideia da transexualidade, enquanto um “transtorno de identidade de gênero”, é resultado de um conjunto de saberes que, através de relações e práticas de poder, estabeleceu sobre os corpos, o sexo e a sexualidade toda uma organização conceitual que permitiu e legitimou a transexualidade enquanto um fenômeno do âmbito médico, principalmente psiquiátrico.

No Código Internacional das Doenças – CID 10, a transexualidade figura o F64.0, fazendo parte dos transtornos de identidade sexual com a tipologia de “transexualismo”. No Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais DSM-IV, a transexualidade passa a ser considerada uma disforia neurodiscordante de gênero, tendo como referência o F64.x.

Neste contexto, as relações entre diferentes campos de saber – Medicina, Psiquiatria, Sexologia, Sociologia, entre outros, contribuíram para invenção da transexualidade enquanto fenômeno singular, definindo suas características bem como condutas terapêuticas e práticas interventivas. Dessa forma, a transexualidade transformou-se num imperativo normativo, entendendo que esse movimento se deu a partir de um conjunto de enunciações, práticas discursivas, postulados, pesquisas, e, principalmente de um feixe de relações de força (poder). No entanto, tomando como referência as ideias de poder no pensamento de Michel Foucault, percebem-se, no âmbito do próprio dispositivo, as possibilidades de negociações, reiterações e,

principalmente, subversões da norma abrindo a possibilidade de resistências no âmbito do próprio dispositivo.

As experiências transexuais¹ aparecem como elemento importante no dispositivo da transexualidade, evidenciando as relações que os sujeitos estabelecem com a norma nas discussões em torno da ideia de patologia, nas conduções terapêuticas, nas definições do que vem a ser a transexualidade, nas construções das identidades e, principalmente nas experiências que constroem e vivenciam consigo mesmos e com os outros (família, amigos, instituições religiosas, contexto social e cultural).

Dissertar sobre a transexualidade é discutir como a cultura ocidental tem construído e naturalizado categorias como corpo/sexo/sexualidade. Sua visibilidade é um fenômeno contemporâneo. Nas últimas décadas, várias (os) transexuais ganharam projeção, apresentando, para o mundo, principalmente através da mídia, a presença cada vez maior desses sujeitos no tecido social, alargando as fronteiras do gênero estabelecidas pela dicotomia feminino/masculino. A presença e visibilidade do fenômeno trás a necessidade de discutir o tema seja a partir da perspectiva da Saúde Coletiva ou a partir das Ciências Humanas e Sociais, pois provoca no imaginário social um repensar sobre a naturalização dos corpos, gêneros e sexualidades. Consolida-se no imaginário cultural a ideia do corpo como um dado natural. No que condiz ao sexo e, conseqüentemente à sexualidade essa naturalização atinge um ponto máximo, essencializando o que é ser “mulher” e ser “homem” culturalmente.

Nesse contexto, a temática assume uma posição marcada por diferentes olhares e articulações conceituais que colaboram na discussão, compreensão e interpretação da complexidade do fenômeno. Tomar o tema da transexualidade como o centro de uma tese de doutorado trás o desafio de trabalhar com um “objeto” que não é fechado e predefinido. Nesse sentido, o cerne consiste em procurar os meandros históricos e discursivos que colocaram a transexualidade como um dos fenômenos mais emblemáticos do século XX no que se refere à sexualidade humana, suas vicissitudes e relações com os saberes e o poder contemporâneos.

Não apenas a transexualidade se tornou visível, mas diferentes profissionais e centros de especialidades tornaram-se referências mundiais. São exemplos a *Harry Benjamin*

¹ Adota-se, neste trabalho, o termo mulheres transexuais para se referir aos sujeitos biologicamente machos, mas que se vêem e percebem-se como mulheres conhecidas como (MtF) e homens transexuais para os sujeitos biologicamente fêmeas, mas que se vêem e se percebem enquanto homens, designados como (FtM). Essa decisão consiste em reafirmar as identidades que são expressas a partir da fala dos diferentes sujeitos. Além disso, adota-se também o uso predominante do artigo “a” seguido quando necessário de (o) para se referir a (os) transexuais. Tal escolha denota uma posição de gênero cujo artigo feminino assinala um devir feminino que perfaz as discussões sobre a transexualidade. Outro fato que necessita ser ressaltado refere-se ao uso do termo transexual independente dos sujeitos terem realizado ou não a cirurgia de transgenitalização. Nesse sentido, a transexualidade parte das próprias narrativas dos sujeitos que se vêem e definem-se como.

Internacional Gender Dysphoria Association (HBIGDA), o *John Hopkins Hospital* e a Associação Americana de Psicologia (APA) que assumem um papel mundial de referência nas questões sobre transexualidade. Essas “instituições” e “organizações” são elementos fundamentais tanto na conceituação e tipificação da transexualidade quanto nas condutas terapêuticas estabelecidas e adotadas por diversos países no “tratamento” às (aos) transexuais.

No contexto cultural brasileiro, a questão da transexualidade tem ocupado cada vez mais espaço. Além da mídia, o fenômeno passou a pautar o campo da Saúde Pública, entrando para a lista de procedimentos do Sistema Único de Saúde (SUS). Essas mudanças ocorreram no âmbito de transformações que envolveram discussões em torno do sexo/sexualidade, gênero, corpo, movido no contexto dos movimentos sociais, principalmente, o movimento feminista que possibilitou a remodelação dos valores referentes ao feminino/masculino. É na égide desse “devir” feminino que tal fenômeno se inscreve como mais uma força de expressão das mudanças culturais e subjetivas em torno da experiência da sexualidade.

Dessa maneira, algumas questões emergem e norteiam a proposta de pesquisa: em que medida a transexualidade subverte a matriz heterossexual e alarga as fronteiras de gênero?, ou de que maneira, muitas vezes, é absorvida pela matriz da normalidade?, será que o desejo de modificação corporal do sexo, inclusive a cirurgia de transgenitalização, bem como todo discurso que é construído na tentativa de legitimá-la acaba por reinscrever a transexualidade na matriz inteligível do gênero – a heterossexualidade?, de que forma uma incoerência entre sexo e gênero, visível na transexualidade assinala um lugar de subversão da ordem vigente sedimentada sobre o binarismo?, será que se pode tomar a transexualidade como uma produção subversiva de desordem de gênero?, partindo dos e em relação aos domínios e às práticas discursivas em torno da transexualidade, como os sujeitos que vivenciam a experiência transexual se relacionam consigo mesmos, com seus desejos e identidades?, quais as negociações permutadas constantemente entre sujeitos, saberes e práticas de poder? e, como os discursos instituídos podem ser ressignificados e/ou subvertidos nas práticas cotidianas dos diferentes sujeitos transexuais?

É a partir de uma matriz teórica apresentada no pensamento de Michel Foucault que as análises conceituais serão construídas, tomando como referência a arqueologia do saber e a genealogia do poder no pensamento de Foucault. Noções de saber, poder, biopoder, biopolítica, dispositivo, domínio, disciplina, norma, entre outros operadores conceituais nortearam as reflexões presentes na compreensão do intrincado jogo de produção de verdades sobre a transexualidade. Partindo dessa perspectiva, entender quais os mecanismos de produções de

verdades e como operam nos diferentes domínios de saber que acabam por produzir a ideia de uma patologia, será fio condutor na compreensão da transexualidade, enquanto dispositivo.

Nesse contexto, a transexualidade se apresenta como um “objeto” interdisciplinar de análise e discussão em que diversas áreas do conhecimento (Sociologia, Antropologia, História, Psicanálise, Direito e Saúde Coletiva) se debruçam para pensar questões contemporâneas sobre sexo/sexualidade/desejo/gênero, sobre os direitos (individuais, coletivos, sexuais e reprodutivos) bem como sobre a dimensão da saúde, seja no sentido *stricto* do acesso e cuidado nos Serviços de Assistência à transexualidade, bem como nos aspectos mais amplos da dimensão da saúde, que envolve os sujeitos, suas relações e formas de subjetivação.

Mesmo considerando toda uma dimensão mítica e histórica que tem recuperado as imagens e as presenças de transexuais em determinadas épocas históricas e outras culturas não ocidentalizadas como as comunidades tradicionais e tribais, o ponto de partida para compreensão da construção da transexualidade, enquanto patologia é a sociedade ocidental e capitalista na transição da modernidade para contemporaneidade. Sua gênese remete à segunda metade do século XIX cuja consolidação pode-se perceber a partir da segunda metade do século XX (CASTEL, 2001) inscrita num conjunto de forças intelectuais e de pesquisas empíricas que encontraram intensidade, principalmente, após a 2ª. Guerra Mundial com o desenvolvimento de pesquisas voltadas para as questões geradas pela guerra, consolidando uma tecnologia que tinha nas reconstituições dos corpos, seu objetivo principal. Tal fato aliado aos avanços no campo dos hormônios bem como as pesquisas em torno dos interssexuados constituíram acontecimentos fundamentais na construção do dispositivo da transexualidade. (HAUSMAN, 1995). Faz-se necessário ressaltar que desde o final do século XIX e início do século XX, diferentes pesquisas foram realizadas, tendo como foco a possibilidade de inversão sexual. Destacam-se as pesquisas desenvolvidas por *Magnus Hirsifeld* no Instituto de Ciências Sexuais em Berlim 1929, do médico *Steinach* (que tentou a implantação de ovários em um sujeito biologicamente masculino) e *Felix Abram* (responsável pela 1ª cirurgia de redesignação sexual. (CASTEL, 2001; SAADEH, 2004; ARÁN, 2006).

Mas, foi a partir do final da 2ª Guerra Mundial que a questão da transexualidade se consolidou. Constituíram movimentos importantes: a utilização do termo “Transexualismo”, inicialmente por *Cauldwell*, em 1949, através do artigo *Psychopatia Transexualis* e a documentação e publicização, em 1952, da primeira cirurgia para adequação do sexo, na cidade de Copenhague – Dinamarca: o ex-soldado americano *Georges Jorgensen* passava a ser

Cristine Jorgensen. (FRIGNET, 2002; RANSEY, 1998; VIEIRA, 1996; PERES, 2001, CASTEL, 2001; CHILAND, 2003).

Do ponto de vista das formulações teóricas e desenvolvimento de pesquisas, os alicerces da ideia da transexualidade, enquanto doença, encontram-se nas obras do endocrinologista *Henry Benjamin*, do médico psiquiatra *John Money* e do psicanalista *Robert Stoller*. Esses pensadores, através de suas pesquisas, equipes de pesquisadores, análises, formulações e teorias constituem a base epistemológica e prática sob a qual a transexualidade se consolidou no século XX.

Henry Benjamin é a primeira referência conceitual sobre a transexualidade, através da publicação do livro “O fenômeno transexual”, em 1953. Nessa obra, definiu e classificou a transexualidade, dando-lhe os contornos e especificidades de um objeto próprio no campo das patologias sexuais. Definiu a singularidade da transexualidade em oposição ao hermafroditismo, à homossexualidade e ao transvestitismo, estabelecendo uma tipologia gradativa que ia do pseudo transexual ao transexual verdadeiro. Além disso, foi responsável por se ter estabelecido uma condução terapêutica que iria se transformar numa referência na segunda metade do século XX, através do Instituto *Henry Benjamin*, ainda uma das maiores e mais influentes autoridades no campo da transexualidade.

O nome de *John Money* aparece com força na cultura norte-americana a partir da década de 1960 e liga-se particularmente a um grupo de trabalho do *Jonh Hopkins Hospital*. As pesquisas desenvolvidas no âmbito da clínica de identidade sexual representam um conjunto de formulações teóricas e práticas de intervenções clínicas fundamentais na separação da transexualidade dos casos de intersexualidade. Além disso, seus trabalhos foram importantes na introdução de uma dimensão sociológica e psicológica a partir das noções de identidade e papéis sexuais na compreensão e explicação do fenômeno da transexualidade.

Por fim, os trabalhos desenvolvidos por *Roberto Stoller* somam-se a essa seara discursiva na medida em que suas pesquisas, principalmente, em relação à noção de gênero e à entrada do pesquisador na compreensão e explicação da transexualidade foi outro ponto importante na produção do se que está designando como dispositivo da transexualidade. É possível encontrar outros pensadores que desenvolveram discussões e pesquisas acerca da transexualidade. No entanto, o pensamento de *Benjamin, Money e Stoller* é o pilar epistemológico e clínico nas formulações das discussões teóricas sobre a transexualidade e na implantação e na implementação de condutas terapêuticas, constituindo domínios perpassados por relações de saber/poder.

Foi a partir da consolidação dessas matrizes que a transexualidade se instituiu como norma capturando uma pluralidade de expressões e vivências através do diagnóstico patológico. No entanto, tomando o conceito de norma no pensamento de Michel Foucault e de Judith Butler, vale indagar sobre o jogo estabelecido entre os sujeitos e a norma transexual, cuja relação, muitas vezes, estabelece -se através de uma forma paradoxal de interação e reiteração, ao mesmo tempo em que possibilita no âmbito do dispositivo à sua própria subversão. Partindo das discussões acerca da produção do “transtorno de identidade de gênero” e da relação desse com o acesso e cuidado na saúde, interessa-nos refletir sobre como os diferentes sujeitos transexuais “negociam” e, muitas vezes, “subvertem” as normas de gênero e a própria construção da transexualidade como uma patologia fundamentada numa dimensão psiquiatrizante.

A partir dessa perspectiva, além da dimensão institucional do processo no campo da saúde, seja nas categorias de explicação quanto nas práticas de intervenções, a dimensão particular dos sujeitos, sua singularidade e suas tessituras cotidianas são levadas em consideração no jogo que estabelecem com a norma. O cerne, nessa questão, é perceber de que forma as identidades de gênero são constituídas e vivenciadas nas experiências transexuais, a partir de um aparato institucionalizado cujos domínios de saber produzem verdades e legitimam práticas que negociam o tempo inteiro com diferentes “experiências de si”, produzidas pelos sujeitos.

Nesse bojo, o gênero é entendido no âmbito das relações de poder e das práticas discursivas que instituem o sujeito *gendrado*. Essa dimensão da investigação reside em discutir quais os dispositivos que atuam na produção da transexualidade bem como os mecanismos através dos quais os sujeitos transexuais se inscrevem na gramática dos gêneros (BUTLER, 2002, 2003). Essa inscrição é pensada tanto da perspectiva macropolítica (o Estado, as instituições sociais e as políticas públicas que atuam sobre os sujeitos de gênero, legitimando-os ou não) bem como na perspectiva de uma micropolítica cujas identidades de gênero expressam-se nos territórios mais ínfimos.

Tomando como referência esses territórios, pretende-se compreender as relações que os sujeitos transexuais estabelecem com o campo médico, com os serviços de atendimentos a transexuais, com o processo de medicalização e construção de uma “anormalidade”, assim como, com a família, com a vida afetiva, com as manifestações religiosas, com a convivência no bairro, com a rede de amizade e com a comunidade, percebendo como os diferentes sujeitos estabelecem “negociações” com a “norma” ao mesmo tempo em que subvertem esse dispositivo, a partir de diferentes modos de vida e experiências de si.

Partindo desses pressupostos teóricos, a tese aqui apresentada compõe-se de 04 (quatro) capítulos. O primeiro capítulo “O Biopoder, a biopolítica e o dispositivo da sexualidade” tem como proposta central discutir, a partir das noções de saber e poder no pensamento de Michel Foucault, como se constituiu e consolidou-se o biopoder na modernidade. A compreensão da mudança da soberania para uma sociedade disciplinar (biopoder) é fundamental para o entendimento da construção do dispositivo da sexualidade na transição entre os séculos XVIII e XIX. É no âmbito deste que a transexualidade irá emergir e consolidar-se enquanto fenômeno singular no século XX. Ainda, discutem-se, neste capítulo, as transformações contemporâneas no biopoder, caracterizado por uma dimensão biopolítica que, cada vez mais, tem tomado os indivíduos, seus corpos e sexualidades como „objeto” nas relações entre saberes e poder.

O segundo capítulo, intitulado “a construção do dispositivo da transexualidade” constitui a discussão central na tese aqui proposta, ou seja, a compreensão da construção do dispositivo da transexualidade, suas características bem como relações de saberes e de poder estabelecidas, que contribuíram para efetivação da transexualidade enquanto um transtorno de identidade de gênero. Para tanto, discute-se a construção da norma transexual seja do ponto de vista histórico, tecnológico, conceitual e prático. Nesse sentido, as primeiras intervenções, discussões, o uso de hormônios, a tecnologia médica, entre outros elementos compõem a genealogia do dispositivo da transexualidade. No centro dessas discussões, estão o pensamento, as discussões e as pesquisas de *Henry Benjamin*, *John Money* e *Robert Stoller* como os pilares da contextualização tanto conceitual quanto empírica (pesquisas, práticas e intervenções na transexualidade). Por fim, este capítulo discute a relação da produção corporal trans com as possibilidades de “construções” e “ressignificações” de corpos, sexualidades e subjetividades. Essas possibilidades ligam-se às relações de interação e reiteração com a norma transexual. Nesse item, o jogo estabelecido se dá entre as diferentes percepções dos sujeitos trans e a ideia de patologia, desvelando as negociações e subversões com a norma psiquiátrica.

O terceiro capítulo “saberes localizados e experiências trans” trás o debate acerca dos saberes elaborados no universo trans. Parte do pensamento de Michel Foucault, Donna Haraway, Beatriz Preciado, acompanhado de diversos pensadores e pesquisadores que retomam a questão dos saberes “minoritários”, “subalternos”, “periféricos”, “localizados” entre outros como uma questão central do conhecimento (ciência) na atualidade. A partir dessas referências, as falas transexuais, eivadas por conceitos, definições, relações também de saber e poder aparecem como interlocutores centrais na questão da transexualidade. O objetivo foi desvelar as tessituras e as singularidades que perfazem as experiências trans.

Por fim, o quarto capítulo “tessituras identitárias” tem como cerne as discussões acerca das identidades trans. Nesse sentido, recupera-se o movimento conceitual e histórico que contribuiu para definir e singularizar a (o) transexual. Esse movimento deu-se em contraposição às identidades travestis e intersexuados. No entanto, o trabalho pode perceber como as fronteiras identitárias marcam-se por um “borramento” cujas “identidades” se confundem e são constantemente negociadas, constituindo um espaço tensionado e rico em experiências que apontam para diversidade trans.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Paulo César; RABELO, Miriam Cristina M. Significação e metáforas da enfermidade. In: _____. **Experiência de doença e narrativa**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.
- ARÁN, Márcia. Algumas considerações sobre transexualidade e saúde pública no Brasil. **Polêmica Revista Eletrônica**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: http://www.polemica.uerj.br/pol22/oficinas/artigos/bioetica_1.pdf. Acesso em: 05 jul. 2008.
- _____. **O avesso do avesso**: feminilidade e novas formas de subjetivação. 2001. 222f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- _____. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 399-422, jul./dez. 2003.
- _____. Lacan e o feminino: algumas considerações críticas. **Natureza Humana: Revista Internacional de Filosofia de Práticas Psicoterápicas**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 293-328, 2004.
- _____. A sexualidade feminina e a crise da idéia de identidade. **Alter: Jornal de Estudos Psicanalíticos**, Brasília, 22 v. 22, n. 1, p. 107-125, 2003.
- _____. A singularização adiada: o feminino na civilização moderna. In: BIRMAN, Joel. (Org.). **Feminilidades**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.
- _____. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 49-63, jan./jun. 2006a.
- _____. et al. **Transexualidade e saúde**: acúmulo consensual para propostas de saúde integral. 2008. Mimeografado.
- _____.; MURTA, Daniela; LIONÇO, Tatiana. Transexualidade e saúde pública no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: http://www.abrasco.org.br/cienciasaudecoletiva/artigos/artigo_int.php?id_artigo=1419>. Acesso em: 30 dez. 2008.
- _____.; PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. **Cadernos Pagu**, Florianópolis, n. 28, p. 129-147, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 jun. 2007.
- _____.; Zaidhaft, Sérgio.; Murta, Daniela. Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, 2008.
- _____.; _____. **Transexualidade e saúde**: a experiência do HUCFF/UFRJ. No prelo.

ARÁN, Márcia; LIONÇO, Tatiana. Mudança de sexo: uma questão de justiça para a saúde. **Série Anis**, Brasília, n. 53, p. 1-3, 2007.

ATHAYDE, Amanda V. Luna. Transexualismo masculino. **Arquivos brasileiros de endocrinologia e metabologia**, v. 5, n. 4, ago. 2001.

AYRES, José Ricardo de C. **Epidemiologia e emancipação**. 2. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2002.

BENJAMIN, Harry. **The transsexual phenomenon**. New York: Julian, 1966. Disponível em: <<http://www.symposion.com/ijt/benjamin/index.htm>>. Acesso em: 20 set. 2008.

BENTO, Berenice. Da transexualidade oficial às transexualidade. In: PISCITELLI, Adriana (Org). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência da transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_____. Transexuais, corpos e próteses. **Labrys Estudos Feministas**, Brasília, n. 4, ago./dez. 2003.

BILLOUET, Pierre. **Foucault**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BIRMAN, Joel. Arquivos da biopolítica. In: LOYOLA, Maria Andréa (Org.). **Bioética reprodução e gênero na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2005.

_____. **Cartografias do feminino**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

_____. **Mal-estar na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999b.

_____. **Psicanálise, ciência e cultura: pensamento freudiano**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

_____. **Por uma estilística da existência: sobre a psicanálise, a modernidade e a arte**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº. 1.707/GM, de 18 de agosto de 2008. Institui, no âmbito do SUS, o Processo Transexualizador, a ser implantado nas unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 62, 19 ago. 2008. Seção 1, p.43.

_____. Portaria nº. 2.227/GM, de 14 de outubro de 2004. Dispõe sobre a criação do Comitê Técnico Saúde para a formulação de proposta da política nacional de saúde da população de gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais - GLTB. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 14 out. 2004. Seção 2, p. 24.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter: on the discursive limits of "sex"**. Nova York: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. Desdiagnosticando o gênero. **Physis - Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 95-126, 2009.

_____. **Lenguaje, poder e identidad**. Madrid: Sintesis, 1997.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **The psychic life of power: theories in subjection**. California: Stanford University Press, 1997.

_____. **Undoing gender**. Nova York: Routledge, 2004.

_____. **Vida precária: el poder del duelo y la violencia**. Buenos Aires: Paidós, 2000.

CABRAL, Mauro. **Ciudadanía (trans) sexual: proyecto sexualidades, salud y derechos humanos em America Latina**. 2003. Disponível em: <http://www.ciudadaniasexual.org/publicaciones/Articulo_Mauro_Cabral.pdf>. Acessado 20 de outubro de 2009.

CAIRUS, Henrique F.; RIBEIRO JUNIOR, Wilson A. **Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

CALIFA, A. **Par le mouvement transgere**. Paris: Epel, 2003.

CALLIGARIS, C. **Introdução a uma clínica diferencial das psicoses**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CAMARGO JUNIOR, Kenneth Rochel de. **Biomedicina, saber e ciência: uma abordagem crítica**. São Paulo: Hucitec, 2003.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

CASTEL, P. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do fenômeno transexual (1910-1995). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 77-111. 2001.

_____. **La métamorphose impensable: essai sur le transsexualisme et l'identité personnelle**. Paris: Galimard, 2003.

CAULDWELL, David. O. Psychopathia transexualis. **International Journal of Transgenderism**, Minesota, v. 5, n. 2 abr./jun. 2001. Disponível em: <http://www.symposion.com/ijt/cauldwell/cauldwell_02.htm>. Acesso em: 20 out. 2009.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Transexualismo e caminhos da pulsão. **Reverso - Revista do Circulo Psicanalítico de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 25, n. 50, p. 37-49, 2003.

_____. Transexualismo e identidade sexuada. In: VIVIANI, A. (Org.). **Temas da clínica psicanalítica**. São Paulo: Experimento, 1998. p. 137-147.

CHILAND, Colette. Enfance et transsexualisme. **La Psychiatre de L' Enfant**, Paris, n. 31, p. 313-373, 1988.

_____. The psychoanalyst and the transsexual patient. **International Journal of Psychoanalysis**, London, v. 81, n. 1, p. 21-35, 2000.

CHILAND, Colette. **Le transexualisme**: que sais-je? Paris: Puf, 2003.

_____. **Transexualismo**. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. Transvestism and transsexualism. **International Journal of Psychoanalysis**, London, v. 79, n. 1, p. 156-159, Feb. 1998.

COHEN, Ernesto; FRANCO, Rolando. **Avaliação de projetos sociais**. Petrópolis: Vozes, 1993.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA (Brasil). Resolução nº. 1482, de 10 de setembro de 1997. Autoriza, a título experimental, a realização de cirurgia de transgenitalização do tipo neocolpovulvoplastia, neofaloplastia e ou procedimentos complementares sobre gônadas e caracteres sexuais secundários como tratamento dos casos de transexualismo. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 181, 19 set. 1997. Seção 1, p. 20.944.

_____. Resolução nº. 1652, de 6 de novembro de 2002. Dispõe sobre a cirurgia de transgenitalização e revoga a Resolução CFM 1482/97. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 232, 2 dez. 2002. Seção 1, p. 80.

CORRÊA, Marilena Villela. **Novas tecnologias reprodutivas**: limites da biologia ou biologia sem limites. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

_____. Sexo, sexualidade e a diferença sexual no discurso médico. In: LOYOLA, Maria Andréa (Org.). **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

CORRÊA, Mariza. Fantasias Corporais. In: PISCITELLI, Adriana (Org.). **Sexualidade e saberes**: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

COUTO, Edvaldo Souza. **Transexualidade**: o corpo em mutação. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 1999.

CZERMARK, Marcel. Précisions sur la clinique du transsexualisme. **Le Discours Psychanalytique**, Paris, n. 3, p.16-22, 1982.

DAMIANI, Durval. et all. Sexo Cerebral: um caminho que começa a ser percorrido. *Arq Bras Endocrinol Metab* vol 49 nº 1 Fevereiro 2005

DELAPORTE, François. A história das ciências segundo G. Canguilhem. In: PORTOCARRERO, Vera (Org.). **Filosofia, história e sociologia das ciências**: abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. ¿Que és un dispositivo? In: BALBIER, E. et al. **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990.

DESLANDES, Suely Ferreira. Concepções em pesquisa social: articulações com o campo da avaliação em serviços de saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p.103-107, 1997.

DOR, J. Transsexualisme et sexe des anges. In: _____ . **Structure et perversions**. Paris: Denoël, 1987. p. 235-256.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções. In: PISCITELLI, Adriana (Org.). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. ; LEAL, Ondina Fachel (Org.). **Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ERIBON, Didier. **Hérésies: essais sur la théorie de la sexualité**. Paris: Fayard, 2003.

FAURE-OPPENHEIMER, Agnes; LAPLANCHE, Jean. **Le choix du sexe**. Paris: PUF, 1980.

FREUD, Sigmund. **Puntualizaciones psicoanalíticas sobre um caso de paranóia: dementia paranoides: descrito autobiográficamente**. Buenos Aires: Amorrortu, 1994. (Obras completas, v. 12).

_____. **Três ensaios de teoria sexual**. Buenos Aires: Amorrortu, 1994. (Obras completas, v. 7).

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2002b.

_____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. In: MOTTA, Manoel de Barros da (Org.). Tradução: Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. (Coleção Ditos e Escritos, 2).

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. De l'amitié comme mode de vie. **Gai Pied**, Paris, n. 25, p. 38-39, avril 1981. Disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html>>. Acesso em 20 de outubro de 2009.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: M. Fontes, 2005.

_____. **Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. (Coleção Ditos e Escritos, 4).

_____. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b. (Coleção Ditos e Escritos, 5).

_____. Eu sou um pirotécnico In: POL-DROIT, Roger. **Michel Foucault: entrevistas**. São Paulo: Graal, 2006.

_____. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997a.

- _____. **História da sexualidade: o cuidado de si.** Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. **História da sexualidade: o uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Graal, 1984
- FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. **The Advocate**, n. 400, p. 26-30 e p. 58, 7 abr. 1984b. Disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/sexpodident.html>>. Acesso em: 4 dez. 2008.
- _____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2002a.
- _____. **O nascimento da clínica.** Rio de Janeiro: F. Universitária, 2001.
- _____. **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002c. (Coleção Ditos e Escritos, 1).
- _____. **Resumo dos cursos do collège de France.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997b.
- _____. **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro: NAU, 2005.
- _____. **Vigiar e punir.** Petrópolis: Vozes, 2004a.
- FRAISSE, Geneviève. **La différence des sexes.** Paris: Presses Universitaires de France, 1996.
- FREITAS, Martha C. **Meu sexo real: a origem somática, neurobiológica e inata da transexualidade.** Petrópolis: Vozes, 1998.
- FRIGNET, Henry. **O transexualismo.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.
- GAUDILLIÈRE, Jean-Paul. La fabrique moléculaire du genre: hormones sexuelles, industrie et médecine avanti la pilule. **Cahiers Du Genre**, Paris, n. 34, 2003.
- GREEN, Richard; MONEY, John. **Transexualism and sex reassignment.** Baltimore: J. Hopkins Press, 1969.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo.** Petrópolis: Vozes, 2005.
- _____. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo.** São Paulo: Brasiliense, 2007.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HARAWAY, Donna. **Antropologia do ciborgue: as vertingens do pós-humanismo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- _____. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 22, jun. 2004 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332004000100009&lng=pt&nrm=iso> doi: 10.1590/S0104-83332004000100009. Acesso em: 06 mar. 2009.
- _____. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

HAUSMAN, B. **Changing sex**: transsexualism, technology and the idea of gender. Durham: Duke University Press, 1995.

JORNADA NACIONAL SOBRE TRANSEXUALIDADE E ASSISTÊNCIA PÚBLICA NO BRASIL, 1., 2005, Rio de Janeiro. **Relatório Final**. Disponível em: <<http://www.ims.uerj.br/transsexualidadesaude/>>. Acesso em: 05 jan. 2006.

LANTERI-LAURA, Georges. **Leitura das perversões**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Campinas: Papiрус, 2003.

LOURO, Guacira L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Prosições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, ago. 2008.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1999.

LÖWY, Ilana; ROUCH, Hélène. **La distinction entre sexe e genre**: une historie entre biologie et culture. **Cahiers Du Genre**, Paris, n. 34, 2003.

LOYOLA, Maria Andreia. **Bioética, reprodução e gênero na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: ABEP; Brasília: Letras Livres, 2005.

_____. Sexo e sexualidade na antropologia. In: _____. (Org.). **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

_____. Sexualidade e medicina: a revolução do século XX. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, 2003.

_____. (Org.). **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 69-92.

LUZ, Madel Terezinha. **Natural, racional, social**: razão médica e racionalidade moderna. São Paulo: Hucitec, 2004.

MACHADO, Paula Sandrine. O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo como se fosse natural. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 24, p. 249-281, jan./jun. 2005.

MACHADO, Roberto. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Sexo e repressão na sociedade selvagem**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **A vida sexual dos selvagens**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

MANUAL diagnóstico e estatuto de transtornos mentais: DSM-IV-TR. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: _____. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosan & Naify, 2003.

MEYEROWITZ, Joanne. **How sex changed**: a history of transsexuality in the United States. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

MILLOT, C. **Extrasexo**: ensaio sobre o transexualismo. São Paulo: Escuta, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro: Hucitec: Abrasco, 1994.

_____.; DESLANDES, Suely Ferreira. **Caminhos do pensamento**: epistemologia e método. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

MISKOLCI, Richard. Do desvio às diferenças. In: _____. **Teoria & Pesquisa - Revista de Ciências Sociais**, São Carlos, v. 1, n. 47, jul./dez. 2005.

_____. **A Teoria queer e a questão das diferenças**: por uma analítica da normalização. Mimeografado. Texto escrito a partir de palestra proferida pelo autor no 16º. Congresso Brasileiro de Leitura, Campinas, 2007.

_____. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

MONEY, John. Sex reassignment as related to hermaphroditism and transsexualism. In: GREEN, Richard; MONEY, John. **Transsexualism and sex reassignment**. Baltimore: John Hopkins Press, 1969. p. 91-114.

_____.; TUCKE, Patricia. **Os papéis sexuais**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

NOVAES, Adauto (Org.). **O homem-máquina**: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento do CID-10: critérios diagnósticos para pesquisa**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pista do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEIXOTO JÚNIOR, Carlos Augusto. A lei do desejo e o desejo produtivo: transgressão da ordem ou afirmação da diferença. **Physis - Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 109-127, 2004.

_____. **Metamorfoses entre o sexual e o social**: uma leitura psicanalítica sobre a perversão. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. Sexualidades em devir e subversão das identidades. **Revista Ethica - Cadernos Acadêmicos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1-2, p. 131-155, 2005.

_____.; MARTINS, Luiz Alberto Moreira. Genealogia do biopoder. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 21, n. 2, ago. 2009. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822009000200002&lng=pt&nrm=iso doi: 10.1590/S0102-71822009000200002>. Acesso em: 24 mar. 2010.

PERES, Ana Paula Ariston Barion. **Transexualismo**: o direito a uma nova identidade sexual. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

PIERRET, Janine. Elementos para reflexão sobre o lugar e o sentido da sexualidade na Sociologia. In: LOYOLA, Maria Andréa (Org.). **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

PINHEIRO, Roseni. Integralidade e práticas de saúde: transformação e inovação na incorporação e desenvolvimento de novas tecnologias assistenciais de atenção aos usuários no SUS. **Boletim ABEM**, Rio de Janeiro, v. 31, p. 9-11, 2003.

PORTOCARRERO, Vera. Foucault: a história dos saberes e das práticas. In: _____. (Org.). **Filosofia, história e sociologia das ciências**: abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

_____. Normalização e invenção: um uso do pensamento de Foucault. Disponível em: <http://www.pgfil.uerj.br/pdf/publicacoes/portocarrero/portocarrero_02.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2010.

PRECIADO, Beatriz. Entrevista. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 375-405, 2007. Entrevista concedida a Jesús Carrillo.

_____. Multitudes queer: notas para uma política de los anormales. **Revista Multitudes**, Paris, n. 12, 2003.

_____. **Testo yonki**. Madrid: Espasa, 2008.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, jan. 2002.

RABINOW, Paul. **Antropologia da razão**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 -1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RAMSEY, Gerald. **Transexuais**: perguntas e respostas. São Paulo: Summus, 1998.

RODHEN, Fabiola. A obsessão da medicina com a questão da diferença entre os sexos. In: PISCITELLI, Adriana (Org.). **Sexualidade e saberes**: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

RODRIGUES, José Carlos. **O corpo na história**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.

RUSSO, Jane Araújo. Do desvio ao transtorno: a medicalização da sexualidade na nosografia psiquiátrica contemporânea. In: PISCITELLI, Adriana (Org.). **Sexualidade e saberes**: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SAADEH, Alexandre. **Transtorno de identidade sexual**: um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino. 2004. 279f. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SCHNEIDER, Monique. **Généalogie du masculin**. Paris: Aubier, 2000.

SCHRAMM, Fermin Roland; ESCOTEGUY, Cláudia Caminha. Bioética e avaliação tecnológica em saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 951-961, dez. 2000.

SCHREBER, Daniel Paul. **Memórias de um doente dos nervos**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil -1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**, São Paulo, n. 16, p. 297-325, fev. 1998.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

SILVA, Hélio R. S. **Travesti**: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

SPARGO, Tamsim. **Foucault e a teoria queer**. Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: UFJF, 2006.

STOLLER, Robert J. **A experiência transexual**. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

_____. **Sex and gender**. New York: Aronson, 1974.

_____. **Sex and gender**. New York: Science House, 1969. v. 1.

SWAIN, Tânia Navarro. **Quem tem medo de Foucault**. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art04.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2009.

TAURISSON, Natacha; MARZANO, Michela. Transsexualisme, corps et changement d'identité. In: **Cités - Philosophie, Politique, Histoire**, Paris, n. 21, 2005.

TAVARES, Mauricio. Gays, lésbicas e simpatizantes – GLS. In: RUBIN, Antônio Albino Canelas (Org.). **Cultura e atualidade**. Salvador: EDUFBA, 2005.

TORT, Michel. **Fin du dogme paternel**. Paris: Aubier, 2005.

_____. Quelques conséquences de la différence psychanalytique des sexes. **Les Temps Modernes**, Paris, n. 609, p.176-215, juin/août 2000.

VIEIRA, Tereza Rodrigues. **Mudança de sexo**: aspectos médicos, psicológicos e jurídicos. São Paulo: Livr. Ed. Santos, 1996.

ZAMBRANO, E. Mudança de nome no registro civil: a questão transexual. In: ÁVILA, Maria Betânia; PORTELLA, Ana Paula; FERREIRA, Verônica. **Novas legalidades e democratização da vida social**: família, sexualidade e aborto. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

_____. **Trocando os documentos:** um estudo antropológico sobre a cirurgia de troca de sexo. 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.